

A essência da universidade

Recebido para publicação em 7/6/1978

MIGUEL R. COVIAN. Faculdade de Medicina, Ribeirão Preto, SP

Quantos anos já de vida universitária? Se começo a contá-los a partir do meu ingresso na Faculdade de Medicina de Buenos Aires, já vão para quarenta e tantos anos. Vida Universitária não significa ter passado todos esses anos nos claustros universitários. Por outra parte, os melhores anos de vida universitária não foram vividos na universidade. Isto parece um paradoxo e será esclarecido mais adiante. Falei de claustro universitário que traz à memória um ambiente físico, propício para a meditação, reflexão, o entrar em si mesmo. Esta expressão, pelo menos em nossas universidades, está ficando obsoleta, pois, em geral, os atuais ambientes físicos propiciam bem mais a dispersão que a concentração. Mas, não deitemos a culpa nos ambientes físicos, já que estes são o reflexo do que se passa no interior do homem.

Curiosamente os melhores anos de vida universitária foram vividos extramuros da universidade. Durante o primeiro governo de Perón, um grupo de professores, entre eles o Professor Houssay, foi expulso da universidade por ter manifestado publicamente, através de um abaixo-assinado, seu repúdio ao regime vigente. Agora acho esta medida congruente, pois nenhum totalitarismo admite contradição à sua doutrina. Nesse episódio aqueles professores agiram universitariamente, pois a universidade deve ser um centro de pensamento livre e polemista, de estudo de problemas importantes, se quer ser fiel à sua essência e beneficiar a sociedade. Um grupo de pessoas, muito menor do que se esperava, fez causa comum com seu mestre, renunciou a seus cargos e passou a instalar um centro de pesquisas, o "Instituto de Biologia e Medicina Experimental", numa casa de família pertencente aos Braun Menendez. Aí se iniciou meu melhor período de vida universitária, fora do recinto da universidade.

Conta a história que os aspirantes a monjes e, por conseguinte, à santidade, iniciavam sua difícil caminhada vivendo junto a um monje, já veterano e tido por santo, e da própria vida deste "homo viator" tiravam seus ensinamentos. Assim foi conosco no mais prosaico caminho da Fisiologia. Vivíamos junto a nossos mestres. Nosso oxigênio era a atmosfera de entrega total a uma vocação universitária, atmos-

fera que eles sem esforço criavam: seriedade intelectual, grandeza de espírito, ideais amplos e elevados, respeito mútuo e tudo aquilo que faz da vida comunitária um paraíso. Porque se não há grandeza de espírito, a vida comunitária transforma-se num inferno. Em outras palavras, respirava-se uma atmosfera universitária. E assim correram para mim 15 anos, incluindo os 3 anos passados nos Estados Unidos. Como verdadeiro centro universitário que foi aquele Instituto, a burocracia, este monstro moderno que nos devora, estava reduzida ao mínimo, a tal ponto que não me lembro de ter feito um relatório, nem prestado conta de nada. A motivação de nosso trabalho nascia em nós mesmos e o ambiente a apoiava permitindo o desabrochar generoso de nossas personalidades. Nosso futuro era incerto, como uma parede que nos fechara o caminho. Mas este fato não nos importava; sabíamos (alguém dirá que ingenuamente) que quando um homem se capacita para alguma coisa, chegará um momento em que as portas do mundo se abrem para ele, às vezes do modo mais inesperado. Havia-se criado um ambiente de amizade, o único luxo que o homem deveria procurar na sua vida, segundo Saint-Exupéry. E por falar de amizade, entre outras, aí surgira minha amizade com dois eminentes cientistas e homens brasileiros: o Professor José Ribeiro do Vale (que nos visitara em 1941) e o Professor Carlos Chagas (que num gesto magnânimo enviou-nos, do Rio de Janeiro, filmes para a Câmara Grass, pois os nossos envelheciam na alfândega). E também com o atual Prêmio Nobel Ulf von Euler, que iniciou ou continuou ali seus trabalhos sobre noradrenalina.

Esta introdução de caráter um pouco autobiográfico me permite agora entrar no objeto deste artigo.

ESSÊNCIA DA UNIVERSIDADE

Poderia afirmar, com pouco risco de errar, que as Universidades Latino-americanas caracterizam-se por não realizarem sua essência, ocupando-se apenas com certos acidentes. Retirando estes acidentes fica um vazio, já que

por debaixo deles a essência que deveria sustentá-los está ausente.

A filosofia escolástica considera essência o que a coisa é necessária e primariamente como princípio primeiro de inteligibilidade. Se privamos um ser de sua essência equivale a pôr diante da inteligência outra coisa distinta. É o que há de mais fundamental na coisa considerada. A essência de João é ser homem. E isto é a raiz que exige, pela sua própria noção, que João seja mortal e capaz de rir. Ou seja: há algo que faz João ser homem e, por sê-lo, tenha necessariamente certos caracteres, que não existiriam sem aquele algo que chamamos sua essência.

Com esta breve consideração filosófica, vejamos qual é a essência da Universidade e o que essa essência leva em si necessariamente e caracterizando uma instituição à qual damos esse nome.

Quando se fala dos fins da Universidade, mencionamos os seguintes:

- a) Pesquisa
- b) Transmissão do conhecimento: docência
- c) Serviço à comunidade

PESQUISA: É evidente que a Universidade deve ser um centro de pesquisas, mas esta não é sua essência, algo que lhe é privativo, aquilo pelo qual ela é Universidade, pois, existem centros não universitários, espalhados no mundo todo, que realizam pesquisas e de alto nível.

DOCÊNCIA: Não se concebe uma Universidade que não seja um centro de ensino, mas também esta atividade não é privativa dela, não constitui sua essência, já que centros não universitários podem realizá-la. Em nosso Instituto particular já mencionado (de Biologia e Medicina Experimental), sem nenhum caráter oficial universitário, realizávamos labor docente através de cursos, conferências, reuniões científicas, simpósios etc.

SERVIÇO À COMUNIDADE: É comum, especialmente na área biológica, considerar como serviço à comunidade um serviço de caráter assistencial: instalação de ambulatórios nos bairros pobres, consultório odontológico, sala de primeiros auxílios etc. Não vamos negar que este tipo de serviço também deva realizá-lo a Universidade. Mas constitui isto sua essência? É privativo dela? Se assim fosse ninguém mais poderia desempenhar esse tipo de atividade. Mas acontece que instituições filantrópicas, religiosas e outras se desincumbem, geralmente muito bem, desse serviço assistencial.

ESSÊNCIA: Qual é então o privativo da Universidade, sua essência? Para que ela existe? Para que está aí? Que papel desempenha ou deve desempenhar na sociedade? A Universidade é uma comunidade **PENSANTE** que deve ensinar a desenvolver o espírito **CRÍTICO** de seus estudantes, o próprio julgamento. Deve ensinar a pensar com os próprios neurônios. É um centro de **CRÍTICA** que deve formar graduados capazes de pensar e criticar com independência e que saibam transmitir à sociedade este espírito. Este é o principal serviço à comunidade que a Universidade deve prestar. É uma instituição onde se discutem problemas importantes: científicos, políticos, sociais (nacionais ou internacionais), culturais, de toda ordem. Ou seja a Universidade deve ser **PO-LÊMICA** (uma concórdia entre discórdias, segundo o agudo dizer de Unamuno). Uma Universidade na qual não haja um contínuo discutir sobre problemas importantes (especulativos ou práticos), um contínuo intercâmbio de diferentes pontos de vista, onde ninguém seja dono da verdade e por conseguinte não exista a peste da soberba intelectual, da petulante superioridade, é uma Universidade morta ou totalitária, que é outro disfarce da morte nos meios intelectuais. Por conseguinte, a Universidade é **POLEMISTA**. Quando, por razões várias, entra no caminho do conformismo, começa a traição à sua essência, pois a sua razão de ser exige a liberdade de pensamento e a liberdade de discussão. Porque é pensante, livre, crítica e polemista é necessariamente um centro de pesquisa, de ensino e de serviço assistencial.

As Universidades nasceram **LIVRES** no século XIII pela iniciativa de estudantes que desejavam aprender e procuravam um **Mestre** (Itália) ou pela iniciativa de um **Mestre** que procurava estudantes (França). Assim, se formaram grupos independentes de qualquer autoridade civil ou religiosa; no entanto, tratavam de interagir com elas. Mas quando algum rei ou bispo começava a interferir demais no desejo de converter esses grupos em instrumentos, o grupo se ia com a música a outra parte, sem problemas de idioma, já que o latim era a língua popular. A atitude contestadora dos estudantes evidenciou-se desde suas origens, pois a história conta que as donas-de-casa de hospedagem de Bolonha (nossas atuais pensões ou repúblicas) ameaçaram elevar o aluguel. Os estudantes abandonaram as casas, instalaram-se ao ar livre nos arredores da cidade, até que as donas vieram rogar-lhes seu retorno... sem modificação do aluguel.

Existia e se defendia a LIBERDADE ACADÊMICA, isto é, a independência de pensamento e de atitudes diante de qualquer poder que pretendesse manipular a universidade a partir de fora. Mas, infelizmente, essa liberdade que se alimenta da paixão pela verdade foi sendo substituída pelo regulamento e a tutela. O campo do espírito precisa de espontaneidade para florescer em criatividade. Mas essa atitude morre quando a utilidade, o pragmatismo, converte-se em instância suprema. Por isso a excessiva planificação manifesta-se nos períodos históricos em que a Utilidade aparece como um Deus exigente de adoradores. A Universidade era, e sempre deve ser, um lugar de encontros para discutir idéias, para manifestar inquietações, para realizar críticas políticas e sociais, livre de autoritarismo e do fantasma de punições que minimizam o homem e as instituições.

É curioso que atualmente o termo *Universidade* evoca em nosso espírito um conjunto de edifícios, distribuídos num espaço aberto (*campus*), onde se ensinam diferentes disciplinas. Na sua origem a palavra "Universitas" designava um conjunto de pessoas (mestres e estudantes) que vivia em determinadas cidades. Posteriormente, organizaram-se e transformaram-se em corpos coletivos, semelhantes a nossas universidades modernas. Assim foram: Bolonha, a primeira Universidade européia, Paris e Oxford que a seguiram. Primeiro o elemento humano e depois o elemento não humano. Se recebo de presente uma caixa de bombons podem acontecer três possibilidades: a) a caixa (edifícios, regulamentos, estatutos etc.) é muito bonita, mas os bombons são... intragáveis; b) a caixa não me disse grande coisa, pode ser ruim até, mas os bombons são... excelentes; c) a caixa e os bombons são excelentes: isto é o ideal. Para os casos a e b... a bom entendedor poucas palavras.

Diante deste novo fenômeno que aparecia no cenário social, político e cultural, despertou-se o interesse daqueles que exerciam o poder, reis ou bispos, que no início aparecem como fundadores de universidades. E aí começou a luta das Universidades para manter sua hierarquia e dignidade, e não ser diminuída à categoria de instrumentos dos que detêm o poder. Luta para manter sua liberdade e autonomia. Luta que é a "via crucis" da universidade, pois tem continuado através dos tempos, não sempre com sucesso, devido a duas fraquezas muito comuns no homem: covardia e acomodação.

A ANTIUNIVERSIDADE

Marginalização. Na sua origem a Universidade formada por grupos pequenos, que nasceram como resposta a uma necessidade intelectual de desenvolvimento humano, foi como uma bola de fogo alimentada pela liberdade, autenticidade e entusiasmo, sem edifícios próprios e sem estatutos, e em imediato contato com a sociedade da qual formavam parte, como qualquer outro grêmio de trabalhadores. Por conseguinte, a Universidade não estava marginalizada. Posteriormente a profissionalização do saber, a especialização, o pragmatismo começaram a mudar o espírito original. Foram necessários edifícios, regulamentos, estruturas. A bolsa de fogo rodeou-se de uma pesada crosta, separando-a de seu meio ambiente, que parou de receber seu calor. Tinha começado a marginalização da Universidade. Considero que a Universidade está precisando hoje, de um Vaticano II, já que as instituições devem mudar, não em sua essência, mas na maneira de manifestar essa essência, de acordo com o ambiente social no qual se acham inseridas. São autênticas quando, respondendo à sua própria natureza, cumprem com sua finalidade. Mas o meio de cumpri-la, o método a ser aplicado deve ser condicionado pela realidade atual, aquela que neste momento vivemos, e ter a suficiente elasticidade para fazer as necessárias adaptações durante a marcha, para evitar a esclerose. É nefasto continuar aplicando um método que foi bem sucedido numa determinada realidade que já deixou de existir. Essa pertinência transforma a instituição em algo inautêntico, em mentira. A realidade deve orientar o método a ser aplicado; o método deve ser adaptado à realidade. No entanto, se vê, amiúde, com tristeza e impotência, que uma excelente planificação se lança sobre uma realidade que não a aceita; como um sapato fora de medida. Força-se a adaptação porque a planificação é excelente... peritos, tecnocratas, trabalharam nela e deve ser aplicada a todo custo. E nem falemos quando a planificação corresponde a uma realidade... estrangeira.

Não só o pobre, o destituído de escolaridade, o criminoso, o débil mental etc. é um marginalizado. O homem de ciência que se fecha esquizofrenicamente no seu laboratório, alheio a todo problema universitário, político e social, é também um marginalizado. E a Universidade como tal, se não interage com seu meio ambiente, no qual está inserida, tratando de resolver os problemas desse meio sócio-cultural, de transformar o estudante num homem

culto hipersensível aos problemas humanos regionais, nacionais e internacionais, se marginaliza. Quando o universitário e, por conseguinte, a Universidade, mais se fecha em si mesma, como que lambendo seu próprio umbigo, mais limita seus horizontes, mais empobrece sua vida, menos disponível está, pela sua marginalização, para cumprir sua finalidade. Como o homem, quando uma instituição está amarrada demais consigo mesma, perde graus de liberdade e disponibilidade e pode funcionar organicamente, mas o espírito está ausente. Em geral nossas Universidades, devido à morte de sua alma, são excelentes organismos que substituíram seu sangue por tinta e seus cérebros por computadores. Como já disse, a marginalização não acontece só com os pobres e injustiçados, mas também com as instituições e freqüentemente com os que detêm o poder em qualquer escala social ou política. Ela começa quando a autoridade ou poder deixa de ser um serviço para a comunidade que lhe outorgou esse poder. A Universidade se vê envolvida na explosão atual da ciência e da tecnologia e empurrada a pragmatizar-se. Por conseguinte, pressionada a apalpar os efeitos imediatos de seu trabalho, esquecendo-se que a cultura tem um valor "prático", cujos frutos se recolhem um pouco mais tardiamente na vida. Mas um dia se recolhem, e esses frutos sabem a coisa madura.

Empresa. A Universidade está tomando um caráter empresarial, e por isso os cargos diretivos se transformam em cargos administrativos como corresponde a uma boa empresa. Fala-se de uma boa administração, referindo-se ao período durante o qual alguém ocupou um cargo de destaque na Universidade: Reitor, Diretor de Escola, Chefe de Departamento. A administração deveria tomar uma mínima parte do tempo desses universitários e talvez essa tarefa poderia ser desempenhada por um administrador de carreira, a fim de que aqueles dispusessem de mais tempo para uma atividade realmente universitária: diálogo permanente com os colegas, já que as reuniões oficiais (Congregações, Conselhos etc.) não podem satisfazer essa necessidade; diálogo permanente com os estudantes, pessoal administrativo, técnicos, pessoal de serviço, ou seja, disponibilidade total para o mister realmente universitário.

Quando a Universidade adquire um caráter empresarial o universitário perde o seu caráter e se converte num homem ligado a um serviço útil para o qual recebe um salário mensal. A Universidade-Empresa como muito bem o disse

Illich¹: "...confunde ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer alguma coisa. Sua imaginação é "escolarizada" para aceitar serviço em vez de valor. Identifica, erroneamente, cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal". A Universidade não é uma indústria nem de diplomas nem de conhecimentos.

Poluição universitária. Tudo aquilo que afasta a Universidade de ser uma comunidade pensante, livre e polemista, lhe dificulta os movimentos, a polui, vai tirando-lhe aos poucos sua seiva vital. Ninguém nega a necessidade de organização, manifestada em estatutos, programas, esquemas etc. Mas, quando a organização passa a ocupar o primeiro plano das atividades universitárias, aparece o monstro de mil cabeças denominado burocracia, com seu exército de adoradores. A vida universitária fica constrangida ao cumprimento de "currículo" com a finalidade de formar um profissional, que, como se fosse um produto, deixa a Universidade com uma etiqueta na cabeça. A Universidade, na observância às vezes policial de seu "currículo" e estatutos, se esquece de formar um homem chamado universitário, de mente e coração amplos. E esquece, também, que o melhor que aprendemos em nossas vidas não resultou de uma instrução programada. Gostaria de saber qual era o programa em que Platão fixava sua atividade e os relatórios que solicitava. De Sócrates sabemos que dava "aulas" nas praças públicas, dialogando com seus alunos e que, através de perguntas e respostas, seus estudantes davam à luz (maieutica) um conhecimento que eles já possuíam mas que o ignoravam.

A história das universidades revela que sempre houve esforços para escapar do marasmo da burocracia, do perigo da esclerose, através de Reformas. Infelizmente, essas reformas, em geral, não têm atingido o âmago do problema e ficaram reduzidas a reformas estatutárias, trocando simplesmente a pintura externa do edifício universitário. Se a Universidade não reformou, previamente, pela sua ação e presença, o contexto e estrutura social e política que ela integra, as ditas reformas se convertem em rios de tinta, em falar muito e dizer pouco.

1. Ivan Illich: *Sociedade sem escolas*. Editora Vozes Ltda., 1973.

Lembram a grande revolução levada a cabo numa peça de Ionesco (*As cadeiras*), que consiste em mudar os móveis de lugar.

Atualmente os estudantes não ingressam numa Universidade; ingressam numa estrutura universitária, eficiente máquina burocrática lançada com todo seu peso sobre o jovem que ainda chega carregado de sonhos. Na saída recebe um diploma com valor de câmbio, ou seja, sujeito à oferta e à demanda. E a criatividade, a originalidade, o próprio desenvolvimento da personalidade, onde ficaram? Foram ficando no caminho universitário. Destruir uma personalidade é homicídio. Não permitir seu desabrochamento é um aborto. E ambos são crimes. Lembro-me de outra curta peça de Ionesco: uma adolescente alegre, cheia de vida, espontânea, entra no palco que é a sala do professor. Este entra, posteriormente, sério, escravo de sua estéril importância. A moça pára de rir; o temor se apodera dela. Não responde a nenhuma pergunta, a tal ponto que parece débil mental. Seus rasgos pessoais se esfumam, desaparecem; ao passo que a figura (não direi a personalidade) do professor vai em um crescendo, porque ele sim, se realiza. Finalmente a menina morre simbolicamente, porque sua personalidade foi totalmente arrasada. O professor cometeu um homicídio.

Um autor norte-americano² supõe a existência duma Universidade utópica, de sonhos, onde exista um grupo cuja função é criticá-la. Admite que todo grupo humano requer crítica, porque, em geral, esse grupo é incapaz de autocrítica e porque, dada a fraqueza humana, é incapaz de ver além de seu próprio nariz, quando estão em jogo seus próprios interesses. Nessa Universidade utópica, se considera delito negar-se a discutir; um professor é expulso quando trata de injetar nos alunos suas convicções, quando trata de doutrinar ainda que seja nos próprios princípios que regem a instituição e, também, por não cooperar com seus colegas, na tarefa de apresentar aos estudantes outras interpretações da Constituição da Universidade e da opinião comum. Admite-se que nessa Universidade o sistema educativo se apóia numa discussão contínua dos problemas importantes. Não se põe o problema de negar a discussão de assuntos considerados inconvenientes para as autoridades constituídas. Pede-

se que a discussão se realize com vigor e suficiente representação dos diferentes pontos de vista; pontos de vista que espelham diferentes posições intelectuais e não políticas. Nessa Universidade não se compartilha a idéia dominante de que os jovens são como folhas em branco onde os mestres podem escrever o que quiserem. Todo o sistema educativo está ali orientado para capacitar os jovens, para desenvolver seu espírito crítico, julgar as teorias e os programas.

Pedro Lain Entralgo no seu livro *Ocio y trabajo*³ lembra que J. L. L. Aranguren expressou caber ao intelectual (ao universitário diria eu) "iluminar novos projetos de existência tanto pessoal quanto coletiva, novos modos de ser e de viver" e também deve "exercitar a tarefa menos brilhante, menos criadora, mas não menos necessária, de lembrar o dever e de dizer não à injustiça".

A história nos ensina que sempre tem havido tensões entre os detentores do poder e a universidade. Tensões necessárias e proveitosas para a sociedade, já que a verdade transcende o indivíduo e as instituições para converter-se num bem social. E deve ser proclamada não obstante os riscos para as pessoas ou instituições que adotam tal atitude. Isto requer muita valentia e anseios de liberdade e justiça, já que sem eles a Universidade não pode realizar sua tarefa. Por outra parte, nem sempre a Universidade está inserida num contexto social e político que veja com simpatia sua atitude contestadora.

A Universidade deveria ser um lugar aberto para todas as discussões e diversidades de opiniões. Uma espécie de Hyde Park onde se fala a favor ou contra a Rainha, ao Primeiro-ministro, a tal ou qual partido político. Enfim, um lugar em que cada um fique satisfeito por ter manifestado sua opinião, livremente, sem temores de nenhuma espécie.

Enquanto a Universidade não modificar, em profundidade, sua estrutura e não lutar por fugir das remoras já mencionadas, sugiro a formação de pequenos grupos universitários (10 alunos e um mestre, por ex.) com reuniões periódicas, nas quais, ao estilo dos primeiros períodos universitários, se discutam, em clima de liberdade, de respeito mútuo, de dignidade, problemas importantes: científicos, sociais, artísticos, filosóficos, políticos etc. no desejo de adquirir sabedoria.

2. R. Hutchins: *La universidad de utopia*. Edit. Universitaria de Buenos Aires, Argentina, 1959.

3. Pedro Lain Entralgo: *Ocio y trabajo*. Revista de Occidente, Madrid, España, 1960.

É evidente que para a formação destes núcleos, dois requisitos são indispensáveis: professores com vocação universitária e estudantes que ingressaram na Universidade para algo mais que obter um diploma. Sem uma motivação interna para o mister universitário, que a modo de cimento una os espíritos, dando lugar a verdadeiras comunidades, sem um desejo de sabedoria que sublime o homem,

seguiremos vivendo universitariamente com horizontes de míope.

A educação universitária deveria levar o estudante a fazer sua a frase de Xenófanes de Cólofon:

“Melhor que a força dos cavalos e dos homens é a nossa Sabedoria”

*Se considero as obras dos mestres,
Vejo o que eles fizeram.
Se reparo em minhas quinquilharias,
Vejo o que deveria ter feito.*

Goethe